REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 239

11 DE AGOSTO 1885

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

CHRONICA OCCIDENTAL

Não ha novidades importantes.

Estes mezes de verão são perfeitamente mezes de ferias. Grande parte da população de Lisboa vae por ahi fóra, passear pelas provincias pittorescas do norte ou alastra-se pelos campos mais baratos do nosso fóra da terra, emquanto os velhos caniculares não passam e o tempo dos banhos do mar não chega.

Aquelles lisboetas a quem a abundancia das occupações ou a falta de dinheiro não permitte o sahir da capital, dão pouco que falar de si.

Lá de vez em quando um suicidio, duas ou tres facadas e disse. Limita-se a isso, graças a Deus o noticiario de Lisboa. A politica tem tambem o seu sueto. Os politicos espalham-se pelas estações de aguas, pelas praias, em villegiaturas mais ou menos elegantes, e os jornaes trazem uns artigos de fundo muito massadores, feitos sem vontade nenhuma, com umas indignações ou uns enthusiasmos perfeitamente posticos, artigos de vestal somnolenta que escabeceando lá vae cumprindo com a sua estopante missão de não deixar apagar o fogo sagrado.

Houve um tempo em que n'estas occasiões era costume fazer-se uma bella e longa chronica com todos os logares communs que a falta de assumpto póde inspirar a um *chroniqueur* de bonito estylo e palavras sonoras.

Doze linguados de papel branco em cima da mesa — o empregado da typographia a bater á porta — a falta do assumpto e o papel que não se enche, e o tonel das nayades, e o rochedo de Sisipho, e o moço da redacção a pedir original, e assim, fazendo andar tudo n'uma dança a mythologia, e os moços de recados, os doze linguados enchiam-se e faziam o encanto de quem os lia, e a reputação de quem os escrevia.

Os tempos mudaram e hoje já não é facil lêr uma chronica d'esse genero, e tambem não é nada facil escrevel-a.

Nós não tentaremos a difficuldade, e limitar-nos-hemos modestamente a aproveitar as ferias do verão em cavaquear com os nossos leitores ácerca de coisas que não são realmente muito divertidas, mas que em compensação são de interesse geral.

Falemos por exemplo do cadaver apparecido no jardim da Escola Polytechnica.

Conhecem esse caso não é assim?

N'um dos ultimos domingos, um boticario da rua da Rosa, o sr. Coelho, se bem nos lembramos, mandou á noitinha o seu servente, um rapazito da provincia, que estava ha pouco tempo em sua casa e em Lisboa, levar uns remedios á Praça das Flores.

O rapaz foi, mas não voltou.

O boticario esperou, fartou-se d'esperar, mandou saber á Praça das Flores se os remedios tinham lá chegado. Tinham. O rapaz levára-os, mas depois é que não se sabia o que era feito d'elle.

Que demonio de sumisso levaria o rapaz?

O que occorreu logo foi qualquer bambochata, amigos que o desinquietaram, um rapaz muito novo, muito simplorio, um provinciano que conhecia pouco Lisboa... Não podia deixar de ser isso.

No dia immediato, pela manhã os guardas da Escola Polytechnica, quando foram abrir o jardim, fizeram um singular e triste achado. Acharam n'uma das ruas o cadaver d'um homem deitado de bruços no chão.

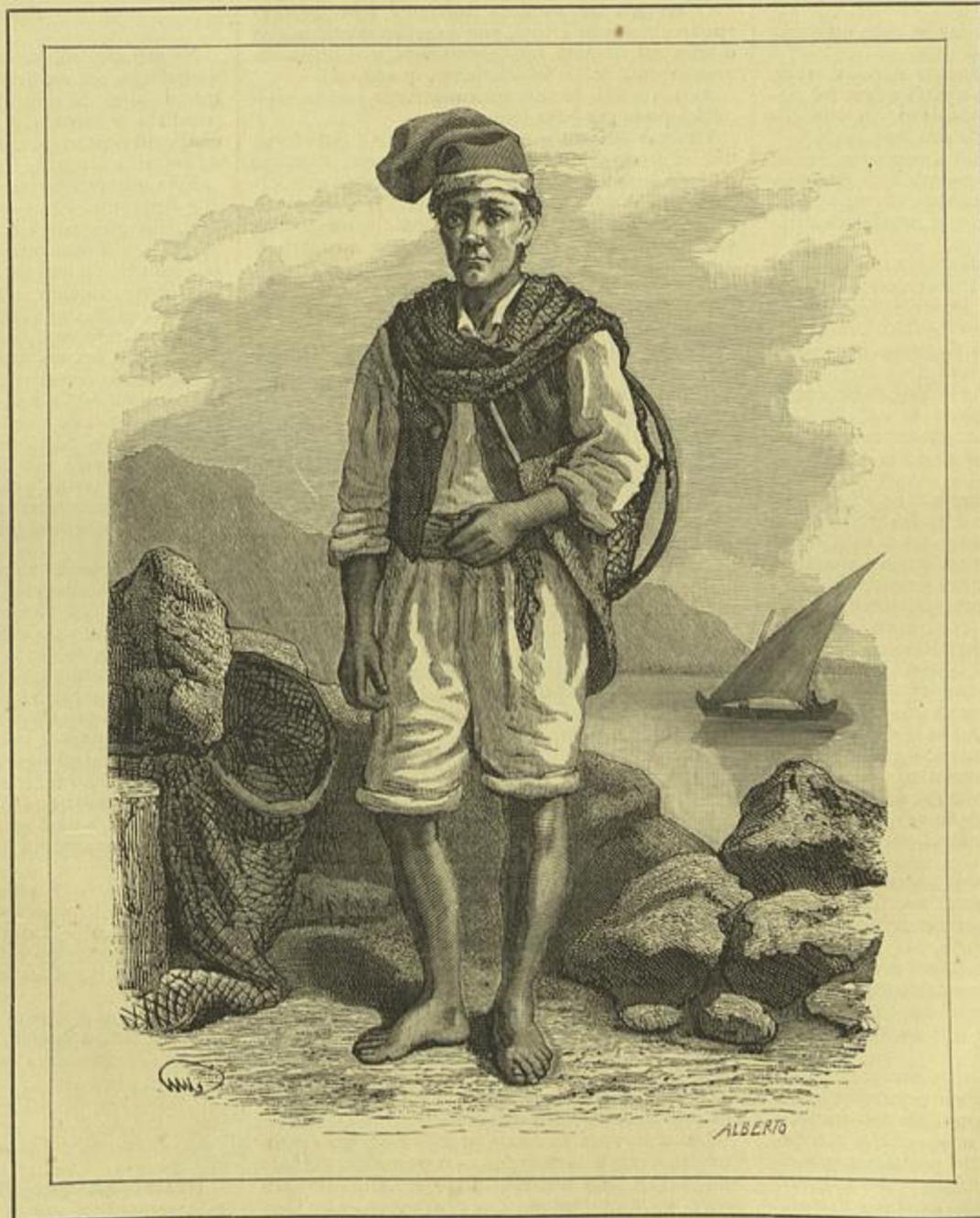
Este encontro fez logo grande balburdia. Juntou-se muita gente, levantaram o cadaver, ninguem o conhecia.

Um medico que é delegado de saude e lente da Escola, o sr. dr. Burnay ia n'esse momento para os exames da Escola.

Viu o cadaver e verificou o obito attribuindo a morte a congestão cerebral, mas escrevendo ao lado d'esta declaração no certificado de morte um ponto de interrogação, que queria dizer que a sua opinião não implicava uma certeza scientifica.

Veio a policia, veio o juiz ordinario, um homem muito intelligente e activo, o sr. Jara, o pharmaceutico bem conhecido da rua dos Calafates, e reconheceu-se que o cadaver era do servente do boticario da rua da Rosa, do tal rapazote que desapparecera na vespera.

Até aqui a historia do que aconteceu agora a historia do que não aconteceu, mas que devia ter acontecido, se o mechanismo da justiça estivesse montado d'uma maneira mais moderna e mais *justa* entre nós.

O apparecimento de um cadaver em qualquer sitio, quando não

COSTUMES PORTUGUEZES — UM PESCADOR DE AVEIRO
(Desenho de M. de Macedo, segundo uma photographia do sr. Carlos Relvas)

ha testemunhas presenciaes da morte, deve ser sempre seguido de autopsia immediata. Isto é claro e logico. Apparece um morto, ignora-se o que o matou e portanto é necessario saber qual a origem da morte para se saber se houve ou não crime.

Com o apparecimento do cadaver no jardim da Escola o caso mudava de figura.

O jardim da Escola fecha ás Ave Marias. O servente do boticario sahiu da pharmacia já depois do jardim estar fechado, e mesmo que assim não fosse é evidente que elle morreu depois de fechado o jardim, porque de contrario os guardas ao fecharem-n'o teriam encontrado o cadaver, que demais a mais estava n'uma das ruas principaes, e não em qualquer dos sitios mais afastados e reconditos do jardim que pudesse ter deixado de ser visitado pelos guardas.

Em frente do cadaver havia portanto tres interrogações.

Primeira — o que originou a morte do servente do boticario?

Segunda — como foi que elle se introduziu no jardim depois das portas fechadas?

Terceira — para que?

A primeira pergunta respondia immediatamente a autopsia.

Primeiro que tudo e logo, parece-nos que o que se devia fazer era proceder á autopsia do cadaver para se saber positivamente se tinha havido ou não crime.

No caso de a autopsia demonstrar qua a morte fôra natural, e que não fôra provocada por meio algum criminoso, enterrava-se o cadaver, e as duas outras perguntas não tinham interesse algum em obter resposta, senão a de satisfazer uma curiosidade pueril.

Havia crime? Essas duas perguntas tinham um interesse capital, pois das suas respostas podia sahir o fio destinado a conduzir a justiça ao descobrimento da verdade.

Pois quasi nada d'isto se fez, e esse quasi foi pouco, tarde e a más horas.

A primeira coisa inconveniente e que é muito costume fazer-se em Lisboa n'estes casos, foi mecher no cadaver, tiral-o da posição em que elle estava quando foi visto no Jardim da Escola.

Lá fóra, e com muita rasão, ninguem meche n'um cadaver cujo apparecimento tem qualquer coisa de mysterioso, antes de chegarem os medicos legistas, os peritos que tem que estudar esse cadaver.

Muitas vezes a posição do morto dá indicios importantes sobre a causa da morte, e mil circumstancias minuciosas, quasi imperceptiveis para quem não é do officio, podem auxiliar fortemente o medico no descobrimento do crime e a justiça no descobrimento do criminoso.

A segunda coisa precipitada foi mandar enterrar n'esse mesmo dia o cadaver em vez de o autopsiarem immediatamente, sem se lembrarem que só da autopsia se podia saber se tinha ou não havido crime.

Felizmente o sr. juiz ordinario teve a boa lembrança de mandar enterrar o cadaver em logar separado na valla; se não fosse isso, mais tarde haveria um trabalho difficilimo, quasi impossivel e perigoso para descobrir entre os cadaveres sepultados na valla o do servente da botica.

As declarações feitas por um rapasito que mora dentro da Escola, ácerca de ter visto no domingo á noite no jardim, o servente da botica na companhia d'um homem de *bonet*, como os conductores dos carros ascensores, alguns boatos que começaram a correr na visinhança, as noticias d'algumas folhas diarias, principiaram a fazer nascer suspeitas ácerca da morte do servente.

E a policia começou a procurar o criminoso e chegou mesmo a prender um empregado dos ascensores como suspeito do crime.

Mas de qual crime?

A policia faria muito bem em procurar o criminoso, mas antes d'isso devia ter averiguado uma coisa — a essencial — se o crime se tinha dado. Não averiguou isso senão depois.

Houve um desgraçado que esteve preso dois ou tres dias, incommunicavel, nos calabouços da policia como suspeito de auctor do crime, que a mesma policia averiguou no fim d'esses tres dias — não ter havido.

Ora francamente, isto não pode ser.

Que qualquer sujeito possa ser preso por sobre elle cahirem indicios de ter praticado um crime, é materia corrente em Lisboa, ainda que o não devesse ser; mas um sujeito ser preso, incommodado, prejudicado, e desacreditado como suspeito de ter feito um crime que não existiu é que excede toda a arbitrariedade d'uma justiça de hottentotes.

No fim de seis dias de se andar a falar em assassinato, e de andar á procura do assassino, é que a justiça fez aquillo por onde devia ter começado, ver se o servente da botica tinha sido assassinado.

E essa demora deu em resultado além de todas as irregularidades da prisão d'um innocente, a quasi impossibilidade de se apurar a verdade sobre a origem da morte.

Exhumando o cadaver, ao fim de seis dias a autopsia fez-se nas peiores condições.

Primeiro, o estado adiantado de putrefacção tornára impossivel a analyse minuciosa e util do cadaver já todo decomposto e esverdeado; segundo, essa putrefacção tornava repugnante e perigosa a autopsia.

Os peritos que ao principio declararam ser essa autopsia impossivel, sempre a fizeram a justas instancias da auctoridade. Abriram a cavidade craneana, verificaram a congestão cerebral e a justiça ficou satisfeita, mas quem não ficou satisfeita foi a sociedade, foi o pobre diabo que esteve preso dois ou tres dias sob a imputação d'um crime infame, que nem elle, nem ninguem praticára, segundo os medicos declararam.

Nós não censuramos aqui pessoalmente ninguem, censuramos o atrazo, e o desleixo em que está o serviço de justiça criminal na nossa terra.

As auctoridades que tomaram conta do caso do Jardim da Escola, mostraram muito boa vontade, e muito zelo: o mal não é d'ellas, o mal é da montagem do mechanismo judiciario.

Ha na nossa justiça duas coisas que fazem muita falta: — os juizes d'instrucção, e os medicos legistas.

Lá fóra a medicina legal é uma especialidade importante da sciencia medica, entre nós é uma parte secundaria d'uma unica cadeira, das numerosas cadeiras que constituem o curso de medicina.

Depois para que serve a qualquer pessoa estudar a fundo a medicina legal, se isso não conduz a nenhuma carreira determinada?

O serviço de medicos legistas é feito quando apparece algum crime, por aquelles medicos que o tribunal nomeia arbitrariamente, e a quem dá uma remuneração insufficiente, quando dá.

Assim, a não ser excepcionalmente esse serviço nunca pode ser bem feito.

Desde o momento em que o medico legista fosse um emprego de justiça bem remunerado, a justiça poderia e deveria exigir para esses cargos, medicos com habilitaçoes especiaes Esses medicos desde o momento em que isso fosse a sua profissão, a sua vida, tomal-a-hiam a serio, estudariam a medicina legal com especial cuidado, como os medicos oculistas estudam especialmente as doenças d'olhos, como os especialistas de coração estudam as molestias cardiacas.

D'ahi resultaria que para as autopsias a justiça não teria de andar a bater á porta de todos os medicos, muitos dos quaes se recusam, e com muita rasão, que essas autopsias seriam feitas com muito menos proficiencia do assumpto, porque pode-se ser um grande medico, e não ter os conhecimentos e o tacto especial, que só o estudo e a pratica podem dar, sobre tudo n'uma especialidade tão complexa como a da medicina legal, a sciencia applicada ao descobrimento de crimes, á acção da justiça.

Emquanto se não fizer isto, emquanto não houver medicos especiaes para o serviço criminal, emquanto não houver magistrados especiaes encarregados unicamente da instrucção dos crimes; haverá sempre grandes difficuldades em apurar a verdade em qualquer crime rodeado d'um bocadinho de mysterio, e a nossa justiça será feita muito... á mouro.

Gervasio Lobato.

AS NOSSAS GRAVURAS

UM PESCADOR DE AVEIRO

Lembram-se os nossos leitores de uns bellos artigos, que sob o titulo *Recordações de Aveiro* publicou a paginas 173, 187, 205 e 212 do v volume do Occidente o nosso collaborador Monteiro Ramalho? Lembram-se mais da pittoresca descripção que se faz n'esses artigos da velha cidade maritima e dos seus typos mais caracteristicos — o pescador e o marnoto?

Pois a gravura da nossa primeira pagina reproduz um d'um d'esses typos — o pescador, colhido habilmente pela machina photographica do primeiro photographo-amador portuguez, o sr. Carlos Relvas, que bizarramente nos presenteou com uma primorosa photographia.

A gravura de hoje completa a descripção que Monteiro Ramalho publicou então, e tudo quanto agora dissessemos não seria mais que uma repetição, isto no que o typo do pescador de Aveiro possa ter de especial e singular, no geral é um pescador como todos os do seu mister, que vive á mercê da bonança que o deixa exercer a sua industria, ou morre no meio dos temporaes tragado pelo mar, se estes o surprehenderam no meio da sua pesca, ou a imperiosa necessidade o obrigou a affrontar-lhes as iras.

É de todos os misteres a que o homem se póde dedicar o mais rude, o mais elementar. É raro encontrar um pescador que saiba ler, cremos mesmo que não haverá nenhum; é igualmente raro encontrar algum que seja rico ou pense em o ser. Esta completa ignorancia dos bens da terra, das commodidades, das ambições ou aspirações do homem, a estreiteza do mundo como elles o imaginam, reduzido ao seu barco, á sua rede e á sua choupana, não deixa de lhes dar uma felicidade a seu modo, e só se lamentam da sorte quando o mar lhes não deu peixe e elles não teem que comer. Se a pesca, porém, corre á farta, se os seus barcos se attestam de peixe, o pescador está contente, a sua felicidade resume-se alli, e nem pela idéa lhe passam os perigos constantes a que estão expostos, as asperezas da profissão, a vida desgraçada que passam, sempre em lucta com a m rte, para mal ganharem o pão nosso de cada dia!

É uma classe tão util quanto desprezada e desprotegida. O seu trabalho nem sequer os tira da indigencia, e entretanto com o trabalho d'estes homens ha muito quem enriqueça sem risco de capital.

Pobres pescadores.

MONUMENTO DA FÉ NA QUINTA DO DUQUE DE SALDANHA EM CINTRA

Na estrada, vulgarmente conhecida por estrada da Sabuga, em rasão de n'este caminho se encontrar a fonte da deliciosa agua da Sabuga, corre parallelo á estrada a quinta do Duque de Saldanha, cujo portão ou entrada principal é á esquerda da referida fonte.

Esta quinta teve os seus dias aureos, a sua epocha brilhante. Era o ponto de reunião aristocratico, dos que estacionavam em Cintra na estação calmosa, alli iam attrahidos pela nunca desmentida bizarri . do marechal, que era ao mesmo tempo o primeiro fidalgo portuguez na galanteria e na magnificencia das suas acções, repartindo, dando e dispendendo com grandeza d'animo nunca excedida, todas as suas rendas e proventos.

Magnificas festas se deram então n'aquella quinta que hoje está quasi abondonada, e pouco resta das grandezas de outr'ora.

Ainda assim não é das menos visitadas pelos forasteiros, e para isso lhe basta a sua posição accidentada, permittindo de alguns de seus pontos elevados o desfructarem-se bellos panoramas, quanto a vista possa abranger até se perder no oceano Atlantico.

É precisamente n'um d'esses pontos d'onde se avistam mais dilatados horisontes, que se ergue o monumento que reproduzimos em gravura, copia de um desenho do album do proprietario e diretor artistico do Occidente, Caetano Alberto.

O monumento está assente na parte do jardim que cerca o palacio e no sitio mais espaçoso d'esse jardim. É de um estylo funebre e tanto, que á primeira vista parece um mausoleu, principalmente se attendermos á figura da *Fé* que o domina.

Foi mandado fazer em 1870 pelo Marechal Duque de Saldanha, que lhe mandou gravar a seguinte inscripção em dois escudos eguaes collocados no atico do monumento do lado norte e sul:

O AMOR DE DEUS
DO QUAL NASCE
O AMOR DA FAMILIA
DO QUAL DERIVA
O AMOR DA PATRIA
HE SÓ
O QUE PÓDE ASSEGURAR-NOS
A FELICIDADE NA TERRA
NO CEU A BEMAVENTURANÇA

O MARECHAL
DUQUE DE SALDANHA
1870

D'este modo quiz affirmar o nobre Duque, bem publicamente a sua fé christã, deixando um monumento da sua crença ás gerações futuras.

O valente general procurou na religião as consolações, que tantas victorias ganhas já lhe não podiam dar, nos longiquos echos das ovações de

vinte annos passados, e assim se foi deixando resvalar para o tumulo, que a grande arvore da liberdade, por elle plantada já assombreava e em torno do qual já vicejavam os louros que lhe haviam de cobrir a sepultura.

O novo mercado da Praça da Figueira

Pouca importancia teria ao presente rememorar desde a sua origem a historia do mercado da Praça da Figueira, os melhoramentos que por vezes se lhe fizeram e o desejo manifestado por differentes vereações de o reconstruir totalmente, desejo que, por difficuldades financeiras, nunca poude levar-se a effeito; limitemo-nos, portanto, ao occorrido nos ultimos dez annos, que difinitivamente conduziu á reconstrucção do mercado (1).

No capitulo V do 1.º volume do meu estudo *Melhoramentos de Lisboa e seu porto* tratei quanto dizia respeito a mercados, e especialmente ao da Praça da Figueira e Avenida da Liberdade; é, portanto, desnecessario descer agora a minuciosidades e unicamente expor a traços largos as principaes occorrencias que se deram n'esse periodo.

A direcção da companhia dos mercados apresentou á camara municipal um projecto e proposta datadas de 17 de abril de 1875, para reconstruir o mercado da Praça da Figueira; em 24 do dito mez apresentou-se outra proposta para o mesmo fim, assignada por Joaquim Lucio de Araujo e Manuel José Ferreira Lima, e em 26 outra assignada por Basilio de Castel-Branco.

Os projectos das duas primeiras propostas eram *tão semelhantes* na distribuição e decoração, que o engenheiro da camara adoptava qualquer d'elles; mas o parecer do vereador do pelouro dos mercados julgou preferivel a proposta de Lucio de Araujo e Ferreira Lima, proposta approvada em sessão de 17 de maio de 1875 assignando-se o contrato provisorio em 3 de junho do dito anno.

O conselho de districto por accordão de 23 de junho não approvou a deliberação da camara, por isso esta, bem como os proponentes, recorreram para o supremo tribunal administrativo que, por accordão de 22 de março de 1876, annullou o do conselho do districto e que este, de novo tomasse conhecimento da deliberação camararia; e, como o dito conselho o não executou no praso legal de trinta dias, os recorrentes fizeram novo requerimento, que foi tomado em consideração pelo mesmo tribunal, determinando-se por decreto de 15 de março de 1882, publicado em 24 de abril, dar provimento ao recurso e annular os accordãos recorridos, julgando valida e executoria a deliberação da camara que lhe deu causa.

Como esta questão levasse annos a decidir, em 1879 a camara nomeou uma commissão com o fim de escolher local para a construcção d'um mercado que substituisse o da praça da Figueira e essa commissão opinou que fosse construido na Avenida da Liberdade! Fez-se o respectivo projecto, que foi approvado, e a camara, sem esperar a decisão do recurso que existia pendente do tribunal administrativo, começou a construcção em 14 de julho de 1881!

O decreto de 15 de março de 1882 collocou, pois, a camara em uma situação embaraçosa, vendo-se forçada a tornar difinitivo o contrato provisorio de 3 de junho de 1875, approvando, portanto, em sessão de 17 de maio de 1882, o parecer do vereador do pelouro do contencioso, que concluia por que se desse cumprimento ás disposições do mencionado decreto.

Em vista d'esta deliberação foi assignada em 3 de agosto de 1882 a escriptura entre a camara e os concessionarios para a reconstrucção do mercado da Praça da Figueira.

Em 18 de setembro seguinte foi apresentado á camara o projecto difinitivo, approvado em sessão de 17 de outubro e no dia immediato deu posse do mercado á empreza adjudicatoria. Terminou assim esta questão, começada em 17 d'abril de 1875!

O que se passou desde 18 de outubro até 22 de dezembro, em que, tendo cessado o reinado da *cabeça*, só imperou o do *estomago*, periodo no qual os concessionarios deligenciaram negociar a concessão, transmittindo-a a uma empreza, foi uma serie de coisas tão *esquisitas* (para lhe não chamar cousa peior, mas mais verdadeira), que é melhor lançal-as ao esquecimento, bastando dizer-se que a camara em sessão de 14 de dezembro concedeu a auctorisação da transferencia pedida, e a *Companhia do mercado da Praça da Figueira*, cujos estatutos foram publicados no *Diario do Governo* de 16 do dito mez, comprou a concessão dor 100:800$000 réis, sendo 81:000$000 réis em dinheiro e o resto em acções beneficiarias, lavrando-se a respectiva escriptura em 22 de dezembro de 1882!

No dia 19 deu-se começo aos trabalhos pela demolição d'um logar a meio da rua da Bitesga, levantamento do lagedo do passeio, construcção da vedação, etc.

O projecto approvado foi delineado por Manuel Maria Ricardo Correia, projecto bem concebido e que fazia honra ao auctor; foi elle que serviu de typo á fabrica constructora, que lhe fez algumas modificações e o embellesou com maior profusão de ornatos.

Passarei agora a dar uma resumida idéa d'esta construcção, um dos mercados mais bellos e elegantes da Europa, pela simplicidade da sua construcção, belleza e rendilhado da sua ornamentação, delicadeza, primor e bem acabado de todas as peças que constituem a sua ligeira e vasta estructura metalica, tornando-o altamente notavel e talvez sem rival.

A sua figura é rectangular, tendo 95 metros de fachada no sentido leste-oeste e 82 metros norte-sul, occupando assim uma superficie de 7:790 metros quadrados.

As suas fachadas principaes são divididas em tres corpos pelos grandes portões de entrada, e as fachadas perpendiculares em dois corpos pelos portões centraes.

Os angulos do mercado são formados por quatro elegantes pavilhões, de dois pavimentos e cupulas douradas e de cada lado dos pavilhões ha uma entrada para o publico.

Nas quatro faces do mercado ha 114 logares para estabelecimentos, além dos quatro dos pavilhões. As portas que fecham estes logares são de chapa de ferro ondulada e elasticas, enrolando mechanicamente.

A parte interior do mercado é dividida em tres naves, cobertas de chapa de ferro galvanisada, tendo lanternins envidraçados, sustentadas, bem como o resto da cobertura metalica, por asnas de ferro, assentes em nove fileiras de columnas do mesmo metal.

Cada uma das naves tem 63m,5 de comprimento e a central 30 metros de largura. As dos extremos abrigam 240 mesas de pedra lioz para venda de hortaliças, fructas, peixe, etc. A nave central tem em cada um dos seus extremos uma rotunda abrigando 72 mesas e parallelas a estas mais 16.

Ao centro d'esta nave ha dois espaços de 12m,20×6m,43 cada um, destinados a venda por grosso, havendo mais quatro talhões de 30m×6m,43 para o mesmo fim.

As ruas para o transito de vehiculos são espaçosas, o solo revestido de *beton* vincado e as coxias de *beton* liso.

O chão interior das mesas é coberto de ladrilho mosaico. A economia do espaço está perfeitamente ordenada.

A illuminação interior do mercado é feita por 43 lampeões.

Tem 26 marcos fontenarios, retretes e outras commodidades.

Os esgotos são feitos por tubos de grés, desaguando parte d'elles no collector que atravessa o mercado da rua do Amparo á da Prata e a outra parte para a rua das Gallinheiras.

A parte metalica foi fabricada na casa constructora de Schwanbach & Graemez (Luetzel-Coblenz) Allemanha e montada pelo engenheiro da mesma casa Heinrich Engel.

A parte de alveneria e todo o resto da obra foi executada pelos empreiteiros Manuel Nunes Loureiro e Fernando Augusto Kuchenbuck de Figueiredo.

As obras terminaram em 24 de abril do corrente anno, sendo a inauguração official em 16 de maio ultimo, a que assistiu a camara, direcção da companhia, membros do conselho fiscal, e muitos convidados de diversas cathegorias, procedendo á feitura do auto e sua assignatura.

Mais uma vez felicito a cidade e a empreza pela magnifica construcção que levou a cabo e a sua illustre direcção pelos esforços que empregou e difficuldades que teve de superar, para que o mercado ficasse digno d'uma capital, que vae, emfim, comprehendendo a necessidade dos seus melhoramentos, para poder attrahir os estrangeiros.

Os desenhos que damos mostram o interior do mercado e a vista perspectiva tirada pelo angulo sudoeste, apresentando as faces das ruas da Bitesga e Gallinheiras; a sua bella execução dá perfeita idéa da grandiosa construcção.

Miguel Paes.

(1) Em o n.º 194 de 11 de maio do anno 1884 demos um desenho do velho mercado, e um artigo a este respeito.

CASTILHO

(Continuado do n.º 235)

VIII

Cêrca de tres annos viveu Castilho na ilha de S. Miguel. Se na patria não tinha encontrado os recursos que havia mister para occorrer ás urgentes necessidades da sua familia, decerto não podia ser aquelle abençoado terrão a fonte inexaurivel, que devia manar para elle tranquillidade e abundancia.

Não são bem conhecidos os motivos que determinaram o poeta a abandonar a ilha, onde vivera socegadamente, onde dera impulso a instituições litterarias, onde publicára obras, senão de primeira ordem, ao menos interessantes a muitos respeitos, onde impulsára muitos jovens a dedicarem-se ás lettras, e onde lhe occorreu a idéa do *Methodo Portuguez* de leitura e escripta. O facto certo é que regressou a Lisboa em 1850 tendo deixado na formosa ilha de S. Miguel os *Primeiros exercicios de leitura, offerecidos aos discipulos das escolas da sociedade dos amigos das lettras e artes*, germen do *Methodo Portuguez*, que vinha apresentar, diffundir e propagar no continente.

Para não interromper o assumpto já atraz dissemos quanto custou essa implantação no paiz, onde os professores, geralmente, modelados pelo genero do famoso Orbilio, o *plagosus* preceptor de Horacio, repugnavam ao ensino que se fazia, a rir, a cantar e a brincar.

Ao fim porém de algum tempo de lucta a campanha estava vencida; o methodo foi estabelecido em muitas aulas publicas e particulares, e, para que não fosse alterado ou transtornado na sua diffusão, Castilho foi nomeado *commissario geral de instrucção primaria pelo Methodo Portuguez*, cargo com que foi honrado pelo ministerio presidido pelo marechal duque de Saldanha.

Seria longo enumerar os artigos e opusculos que foram publicados por occasião do estabelecimento e diffusão do *Methodo Portuguez*, mas elle vingou sendo ainda hoje é praticado com vantagem em algumas escolas, e, apezar de novos methodos, talvez mais logicos e mais scientificos que se tem ideado, ainda estamos convencido de que nenhum lhe leva a palma em facilidade e conveniencia pratica.

IX

Pouco a pouco porém o ensino foi-se alargando, foram-se promulgando novas organisações para a instrucção publica, foram-se centralisando as diversas creações d'essa ordem, e como o poeta ia medrando em annos, antes que chegasse o fim da carreira, emquanto o corpo conservava todo o vigor, e o espirito não cessava de pedir-lhe occupação, Castilho foi visitar o grande imperio, filho e herdeiro das tradicções, e guarda e propagador da formosa lingua de seus avós.

Em 1854 Castilho partiu para o Brazil, deixando interrompida a traducção do *Genio do Christianismo*, de Chateaubriand, que levou ao fim do 4.º livro; escrevendo ainda a introducção.

A este respeito daremos um pormenor curioso. Haviamos travado conhecimento com Castilho pelos fins de 1853. Ficára o poeta muito satisfeito quando soube a que familia pertenciamos, porque ao ouvir o nosso appellido, perguntou se tinhamos parentesco com varios individuos que citou, que não eram outros senão nossos pae e tios. Informando-se de cada um em particular, chegou a perguntar: e seu tio Pedro, que era um rapaz de tanto talento? Esse, lhe respondemos com bastante commoção e ao mesmo tempo orgulho, esse não era meu tio era meu pae e morreu no cêrco do Porto.

Então disse-nos algumas palavras de amisade, e convidou-nos a frequentar a sua casa.

Alli fomos effectivamente por muitas vezes, alli encontramos varios homens importantes, que Castilho recebia regularmente na sua livraria, em mangas de camisa, embuçado em um capote, — como no retrato de Sendim e com um enorme cão preto apoiado nos joelhos.

Um dia convidou-nos para entrarmos em uma empreza de uns *livrinhos de ouro*, que Eduardo de Faria projectava editar, mas que não chegou a realizar-se.

Outra vez mandou-nos chamar, e convidou-nos a fazer a traducção do *Genio do Christianismo*, de que elle não podia encarregar-se por ter muito que fazer, e dado o caso de que se podesse realisar o accordo com o editor, o que não teve effeito.

MELHORAMENTOS DE LISBOA — O NOVO MERCADO DA PRAÇA DA FIGUEIRA, VISTA EXTERIOR (Desenho do natural por Cazellas)

Mais tarde porém, não sabemos porque motivo, se tornou a encarregar d'ella. Naturalmente porque mais desapressado de trabalho, poude concordar-se com o editor, que desejava brevidade, a que nos não podiamos obrigar, porque frequentavamos então varias aulas da escola polytechnica, e era proximo o tempo dos exames.

Um dia que o fomos visitar, estava elle occupado n'essa traducção, e no meio da conversa, diz-nos, estimei bem que apparecesse, porque lhe quero pedir um favor. Tem a traducção de *De rebus Emmanuelis* do bispo Osorio pelo Filinto?

«Porquê, não a tem?

«Não, e precisava agora muito d'ella.

«Não a tenho, mas deixe estar que em poucos dias lh'a arranjo. Sei de um amigo que a possue.

«Incommodos não desejo que os tome, peço-lhe isto, mas para quando poder.

«Se não é indiscripção diz-me que trabalho tem entre mãos, para que lhe é precisa a obra do bispo de Silves, que não é mais que uma quasi traducção da chronica do Damião de Goes?

«Eu lhe digo. Quando traduzo francez, desejo sempre ter ao pé de mim um livro muito vernaculo; porque depois de ter traduzido tres, quatro ou seis paginas o ouvido acostuma-se áquella melopea franceza, e insensivelmente, tomamos aquelle geito de phrase, ao escrever, e então em taes occasiões é preciso refocillar o cerebro com a leitura de algumas paginas muito portuguezas, para perder a toada franceza, e escrever bom portuguez.

«Aprecio e guardo a receita, lhe respondemos, e brevemente lhe trago o Filinto.

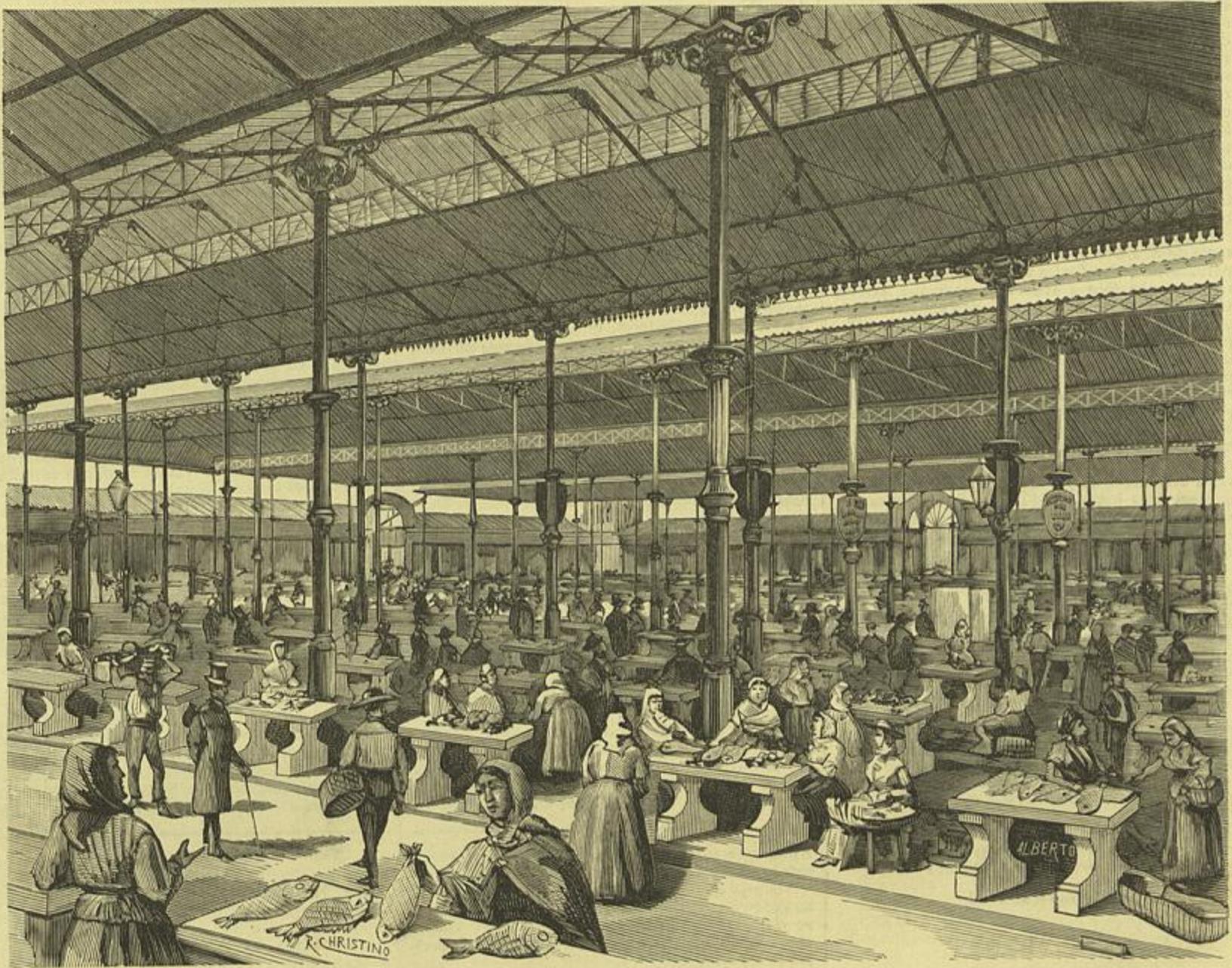
No dia seguinte levavamos-lhe o livro pedido.

(Continúa) *J. B.*

FREI BERNARDO DE SANTAREM

LENDA MONASTICA (1)

I

Ia a completar-se seculo e meio, depois que D. Frei Soeiro Gomes voltára de Roma, onde fôra fiel companheiro do patriarcha S. Domingos, e

MELHORAMENTOS DE LISBOA — O NOVO MERCADO DA PRAÇA DA FIGUEIRA, VISTA INTERIOR (Desenho de J. Christino)

por elle missionado para fundar em Portugal a ordem religiosa que o papa Honorio III acabára de confirmar em 1216.

Peregrinando atravez das Hespanhas, em companhia de mais tres religiosos, e sendo d'elles o superior, despediu-se de dois dos companheiros no Aragão, e do terceiro em Castella, continuando a sua perigrinação até chegar a Alemquer, pelo fim do anno de 1217, no santo proposito de dar cumprimento ás instrucções que de Roma tão recommendadas trazia.

Em boa hora escolhera D. Frei Soeiro a villa d'Alemquer, de que era então donataria a infanta D. Sancha, para termo da sua longa e cançada viagem. Tanto foi o chegar, como conceder-lhe a infanta uma ermidasinha da invocação de Nossa Senhora das Neves, no alto da serra fria de Montejunto, para alli estabelecer o convento, inicio da futura e poderosa ordem de S. Domingos, que o frade trazia em mente fazer fructificar em terras de Portugal.

II

Quatro annos depois, já medrada a pequena communidade, saía D. Frei Soeiro á frente d'ella para Monteirás de Santarem, trazendo os frades comsigo as pobres alfaias que possuiam, e tão poucas eram ellas, diz um piedoso chronista que de tamanha penuria se fez pregoeiro, que todos as sobraçavam, por mais não serem que uns poucos de livros, uns humildes paramentos de egreja, e umas esfarrapadas mantas, que nas pequenas cellas lhes haviam servir de conchego.

Pelo que se vê, não ha para grandes fabricas mais seguros alicerces que os da humildade. Ainda bem os pobresinhos dos frades se não achavam installados em Monteirás, construindo por suas proprias mãos uns cubiculos em que descançar os corpos, alquebrados pelas vigilias, e já D. Frei Soeiro, sollicito pastor de tão santas ovelhas, scismava em encontrar melhoria de logar, em que de vez fixar o redil, que das asperezas de Montejunto se passára ás solidões de Monteirás, tão improprias, devia julgal-o o provincial dos dominicanos, para a divulgação e fructificação da fé christã.

Quando n'estes projectos andava engolphado D. Frei Soeiro, já por pensamentos antegosava a posse de um outro convento mais appropositado ao intento, com o seu horto viridente para distracção de ruins pensamentos, e um eirado espaçoso, para estimulo das forças physicas dos seus companheiros de reclusão, retemperando-lh'as para a penitencia.

Eis senão quando tem D. Frei Soeiro de accudir ao chamamento de D. Affonso III, que o fizera arbitro de umas graves desavenças, levantadas entre D. Estevão Soares da Silva, arcebispo de

(1) Quem duvidar dar credito a esta viridica historia leia o *Agiologio Dominico*, tomo I, pag. 422. O Padre Mestre Frei Jeronymo Padilha; e, principalmente, a *Historia de Santarem Edificada*, do Padre Ignacio da Piedade Vasconcellos, tomo II, liv. II, cap. XXIV.

Braga, e os ministros d'el-rei que, no dizer do mitrado andavam causando damnos á egreja que o servo de Deus administrava. Uns papeis velhos, que nos estão servindo de subsidio a esta historia, dão a entender que os damnos de que o arcebispo se queixava giravam fóra da orbita do dominio ecclesiastico. Ainda assim, apesar de se tratar de mundanilidades, D. Frei Soeiro poz logo o dedo na ferida e sarou-a a contento das duas partes letigantes.

III

Durante a sua temporaria ausencia, delegára o provincial os seus poderes em Frei Domingos da Cunha, que tivera a honra de receber o habito das proprias bemditas mãos do patriarcha S. Domingos. Que era homem de resolutos expedientes, o frade que em Monteirás ficára com o encargo de substituir D. Frei Soeiro, devemos conjectural-o, sem perigo de offender a memoria dos outros frades, porque, apenas virou costas o provincial, mais não pensou Frei Domingos do que em encontrar sitio accommodado para a projectada mudança da communidade; e, tão acertado andou, que veio a effectuar a compra do terreno para a nova edificação, em um sitio chamado da Magdalena, em um alto, junto á villa de Santarem, logar lavado de ventos sadíos, com aguas potaveis de boa fama, e largos horisontes, por onde bem á vontade os frades podiam espairecer as vistas, revendo-se nas bellezas da creação.

Segundo affirma Frei Luiz de Sousa, na sua *Historia de S. Domingos* não chegou a dois annos a permanencia dos frades dominicanos em Monteirás, tamanha fôra a actividade com que haviam trabalhado em remover o convento para sitio mais apropriado á sua seraphica instituição. Não cuide, porém, o leitor, que os frades se fixaram ainda d'esta vez na Magdalena. Um milagre, um acaso providencial, demovera-os d'este seu bem amadurecido proposito. Poucos dias eram passados, depois que a nova edificação começára, quando, caso espantoso, os operarios que de vespera haviam largado as ferramentas a bem resguardo, se foram a encontrar sem ellas, no local em que as haviam arrumado, e, por denuncia, vieram a saber que em uma hermida da invocação de Nossa Senhora, denominada da Oliveira, que demorava duzentos passos para o norte do local da edificação, alguem da terra as tinha topado, reunidas!

Deu-se, por então, pouca importancia ao caso, cuidando-se que tentativa de roubo fôra o desapparecimento das ferramentas; e ainda mais sob guarda as deixaram nas noites subsequentes, e ellas sempre, sem ninguem as levar, a apparecerem nos dias seguintes de manhã, na ermida de Nossa Senhora da Oliveira. Não havia já então que duvidar. O milagre era evidente!

Aconteceu, porém, ser a ermida de Nossa Senhora da Oliveira, annexa á egreja parochial de Santa Maria da Alcaçova, e estar esta cuidadosamente administrada por uma collegiada que, em reserval-a composta para o culto da Virgem punha todos os seus esmeros. Em tão apertadas circumstancias que haviam de fazer os discipulos de D. Frei Soeiro? Pedir, rogar com muitas lagrimas á collegiada, que lhes fosse cedida a milagrosa ermidasinha, a directamente inculcada pelo ceu para definitivo refugio e pousío da nascente ordem de S. Domingos. Pediram. Foi-lhes deferida a petição. Pouco tempo depois, uma nobre dama de Santarem, doava aos religiosos uma grande quinta com seus formosos pomares, vinhas e olivedos, arredondando assim a vasta vivenda fradesca que, no recinto dos seus muros enegrecidos, deu durante cinco seculos agasalho a tantas almas perdidas pelas encrusilhadas do peccado.

IV

Era por uma formosa manhã de inverno, do anno da graça de 1368.

Um gentil mancebo, chamado Bernardo, as chronicas não curaram de o nobilitar com os appellidos da familia, cavalgava airoso fóra do recinto da nobre villa de Santarem, em direcção ao chamado Chão da Feira, na intenção de acossar lebres que dos sagarços se levantassem, descobertas pela matilha dos galgos de fina raça, que, em graciosos corcovos, farejassem as urzes rasteiras dos vallados, ou pelas moitas se embrenhassem, para reapparecerem ao longe, estacados, mas vigilantes, nas cumiadas das serras.

Um grupo de mancebos da mesma edade de Bernardo, e como elle affeiçoados ao nobre exercicio da caça, folgava, antecipando pela imaginação as peripecias da batida projectada pelas invias charnecas, e adustos matagaes das cercanias de Santarem. Os acicates dos cavalleiros feriam os ilhaes dos cavallos corredores, que, ora se impinavam, rebeldes ao governo, ora, em desordenada carreira, transpunham os montes e os valles, para submissos voltarem ao ponto da partida. Era um folgar juvenil, alegre, tumultuoso!

De repente, um dos da comitiva lembra-se de convidar Bernardo, o de maior nomeada entre os demais cavalleiros, para lhe amansar o ginete em que cavalgava, que aos ûpas, aos recúos, aos corcovos, a encabritar-se, se negava a despejar caminho. De um movimento unico, apeia-se Bernardo do seu alasão; e de um salto, tambem unico, sem auxilio de estribo, bifurca-se no cavallo rebellão, tornado fera ao sentir os joelhos vigorosos do adventicio, que o cingia, e apertava, como em torniquete de ferro. Exasperado, o animal retoma novos alentos, e entesta, doido, com um precipicio, tentando galgal-o, sem lhe medir o alcance.

Bernardo estava irremediavelmente perdido! Salvou-o a fé no patriarcha S. Domingos. Invocar-lhe o nome, e lograr sopear de subito o animal, prestes a despenhar-se no abysmo, foi obra de um momento. Os da cavalgada applaudiam freneticos a galhardia do moço cavalleiro. Elle, porém, como que acordado de um sonho, parecia-lhe estar já ouvindo os canticos celestiaes, e vendo os altares do mosteiro de S. Domingos a resplandecerem de lumes, a engrinaldarem se de flores.

V

Eram passados poucos mezes depois da aventura que acabámos de narrar, fielmente trasladada de um papel amarelecido pelo tempo, para as paginas piedosas de um in-folio, que temos aberto deante de nós. Á portaria do convento de S. Domingos da villa de Santarem batia um moço, pallido, triste, concentrado mas ainda gentil no porte, e galhardo nos ademanes. Interrogado a que vinha, respondeu sem hesitar que para servir a Deus. Queria falar ao Provincial da Ordem, dizia. Entrou. O que em breve dialogo se passou entre o velho enrugado, que havia já cincoenta annos dissera o ultimo adeus ao mundo, e o mancebo, que ainda não vira florir a amendoeira mais do que em vinte e cinco primaveras, ficou como um mysterio para todos, menos para o que pedira ingresso no mosteiro, e o ancião que, como em sacrario cerrado, jurára guardar para todo o sempre as revelações de uma alma que recebera o toque da divina graça.

VI

Como noviço vamos agora encontrar Frei Bernardo de Santarem, preso como um escravo á campana conventual, de todo esquecido dos seus cavallos, dos seus lebreus, e das moçoilas sertanejas com quem não fôra avaro de requebros e ciladas, o agora penitente e arrependido monge, que só recordar-se queria que em pó e em cinza, se havia tornar em breve. Encargo obscuro do convento, requeria-o. Honrarias claustraes, esquivava-se a ellas, dizendo: que se a grandezas aspirasse, se não fugira do mundo para o remanso da clausura. Forçou-o porém a obediencia a acceitar o obscuro encargo de sachristão, e n'este mister se occupava, quando o demo se lembrou de o ir tentar, fazendo-lhe negaças, e preparando-lhe armadilhas só proprias da indole damnada de um pérro, empenhado em deplumar as azas dos que tentam voar para o ceu.

Vamos contar o caso, como elle anda a correr mundo em lettra redonda. Antes, porém, pedimos ao leitor que se persigne, para que Belzebuth, que nos está ouvindo, não venha manhoso carimbar esta escripta com a sua immunda pata rachada, de que não ha livrar-se, quem não logra encouraçar-se com a fé, a unica armadura em que o demo não sabe abrir brecha, tão de fina tempera a encontra para resistir nos seus botes traiçoeiros.

A Frei Bernardo de Santarem cumpria, como sachristão que era, curar das lampadas do Sanctuario, mantel-as accezas de dia e de noite, vigiar que o vento, correndo impetuoso pelas arcarias dos claustros, não deixasse nas trevas do corpo, aos que tão santamente procuravam não deixar siquer bruxulear a luz da fé.

Dizer o cuidado que punha Frei Bernardo em trazer allumiadas todas as capellas, todos os nichos, todos os corredores, todos os dormitorios do convento, seria trabalho superfluo, conhecidos como ficam os escrupulos do sollicito sachristão do convento de S. Domingos de Santarem. Mas, o caso é, que elle a accender as lam-

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 238)

VI

A traição

Era noite.

Na caverna que servia de esconderijo ao bando de vagabundos, conhecidos pela designação terrivel de caçadores de carne humana, reinava agora um panico irresistivel.

Muitos do bando haviam fugido, procurando escapar-se á perseguição que se annunciava por editos em todos os logares publicos, como se se tratasse de alguma forte montaria ás feras.

Contavam-se entre esses o *Frade*, o *Mata-Judeus*, o *Trovão*, e ainda mais dois outros companheiros.

Ondina estava portanto só.

Tinham-n'a abandonado os seus amigos mais affeiçoados e da maior confiança, que formavam na tribu o pequeno nucleo dos seus partidarios.

O homem do fato de pelles é quem dominava em absoluto a situação, que não podia ser mais critica para aquelles miseraveis.

Elle impunha-se pela sua ferocidade e exercia em nome d'ella uma especie de dictadura suprema.

Havia espalhado vigias em toda a floresta e estava resolvido a abandonar aquelles logares aprazíveis que a fama das crueldades que exercera tornára de sinistra memoria.

Viam-se aqui e alli pela escarpa das montanhas, ao redor da planicie, pequenas luzes mortiças, que se destacavam do escuro, como outros tantos olhos de lobo, espreitando o rasto da caça, farejando a presa.

De quando em quando entravam na gruta ás occultas, com muitas precauções, uns vultos sombrios, e desappareciam logo através das extensas galerias subterraneas.

Esperava-os com anciedade o homem de fato de pelles, que sahia ao encontro d'elles, cheio de impaciencia e de curiosidade.

Eram esses homens alviçareiros de tristes novas.

No pinhal, entre o Caminho das Cruzes, disseram elles, estacionava desde manhã uma força que parecia em observação, e das povoações proximas convergia alli o povo em massa, no intuito de bater a serra em todas as escarpas mais reconditas e inaccessiveis.

Tornava-se d'este modo, em presença de taes prevenções, humanamente impossivel qualquer tentativa de fuga.

Ondina estava livida de terror.

Receiava alguma explosão de colera sanguinaria d'aquella gente enfurecida.

Tinha medo e nunca a figura hedionda do homem de fato de pelles se lhe mostrou mais bella.

Era o seu unico appoio.

— Salve-me, lhe dizia supplicante e humilhada.

E elle regosijando-se, lisonjeado por vel-a abatida e dependente, dizia-lhe:

— Ah! já tem medo? Já precisa de nós?! Pois saiba que ninguem tocará em um só dos seus cabellos. Havemos de morrer aqui todos, mas depois de vendermos cara a vida, como valentes, como homens, e não como feras, devorando-nos uns aos outros.

Dizendo isto em grande exaltação, assumia as proporções de um heroe no desespero.

— Olá, bradava para os companheiros, amedrontados e indecisos, que o olhavam de longe com espanto e com respeito. Olá, conduzam para o centro da galeria grande aquella barrica de polvora que está na gruta do norte. Vamos.

E com uma ironia amarga e terrivel, accrescentava:

— É preciso receber condignamente as visitas que aguardamos.

Ondina, cada vez mais sobresaltada, interrogava-o n'uma grande afflicção.

— Que vae fazer? que pensamento é o seu? que intenções são as suas?

— Pois não vê?! Luctar pela vida e tratar da morte antes que chegue o momento de morrer.

Era horrivel a situação.

O homem do fato de pelles apparentava uma serenidade sombria e medonha.

As suas ordens foram immediatamente executadas.

Mas entretanto espalhou-se na caverna que era intenção sua deitar fogo á polvora e fazer saltar pelos ares a gruta com toda a gente que alli se abrigava.

padas do Sanctuario, e ellas a apagarem-se-lhe de repente. Um dia, uma semana, um mez, não tinha o facto explicação plausivel, mas ainda eram licitas as conjecturas. Mas um anno, e dois, e tres annos; e mais tres ainda por cima; e finalmente outros tres a arredondarem a conta de nove annos, era maleficio que só ao diabo em pessoa podia ser attribuido. Os frades queixavam-se, o provincial chamava, e reprehendia Frei Bernardo; e este, não sabendo como desculpar-se, apegava-se com todos os santos da sua devoção, apertava os cilicios, jejuava a pão e agua... e nada!

Elle a accender as lamp das sagradas, e ellas a apagarem-se-lhe, sem que se visse viv'alma, sem que o vento soprasse, sem que á ruim qualidade do oleo se pudesse attribuir a escuridão permanente dos claustros; as trevas do proprio altar-mór, que Frei Bernardo, mais do que os outros altares, timbrava em trazer brilhantemente alumiado.

Um dia, ou antes uma noite, em que Frei Bernardo accendera, como de costume, o grande lampadario da nave central da egreja, como de prompto se virasse para sair, viu-a apagar-se de repente! Reaccendeu-a, esconjurando mentalmente os espiritos malignos, e a lampada a extinguir-se, como da primeira vez! Então Frei Bernardo, prostrou-se por terra, e orou; e tão fervente foi a oração que, ao levantar-se, deu de cara com um grande bode, de pêllo hirsuto, barba longa e encrespada, e, para mais horrivel se apresentar, enfeitado de tamanha e tão galhuda armação, que não de bode, mas só de verdadeiro diabo podia ser! Com a idéa de que tinha deante de si o inimigo do genero humano não se acovardou Frei Bernardo. O valor com que em rapaz fizera frente aos javardos, e nas lezirias do Riba-Tejo se medira com os toiros em combate singular, não o abandonou n'aquelle momento supremo.

Tanto foi vêr o diabo, assim amesendado na casa de Deus, como intimar-lhe, em nome da Santissima Cruz, para que se não bolisse d'onde estava. Quiz ainda o demo, fiado na ligeireza das pernas, que é um dos seus diabolicos attributos, esgueirar-se, trepando por uma das columnas do templo, mas, ao tentar a empreza, escorregou, e zás pelo marmore pulido, e caiu, quedando-se para não mais se poder mover das lageas do templo que profanara com as suas correrias nocturnas!

VII

Frei Bernardo seguira d'alli para a sachristia. Momentos depois, voltava açodado. Parecia um outro homem! Trazia na mão esquerda uma corda, e na direita umas disciplinas rijas, com que elle a si proprio se penitenciava, quando — raras vezes eram ellas — o mundo, o diabo e a carne, se lembravam de o ir tentar na sua desguarnecida cella de penitente. Assim preparado com os instrumentos de um executor de alta justiça, dirigiu-se o bom do nosso frade direito ao diabo, e começou atando-o pelas barbas, para maior vilipendio d'elle, crêmos nós, porque, a não ser assim, mais a geito lhe ficava amarral-o de vez pela raiz da galharda armação que elle ostentava. Seguro de que o inimigo já se lhe não podia escapar das mãos, começou Frei Bernardo a azorragal-o com tão piedosa consciencia da bôa acção que estava praticando, que o pêllo caprino do tentador lhe vinha a cada golpe preso nas extremidades das disciplinas com que o zurzia, sem nunca, para mais o enraivecer, deixar de lhe falar na Santissima Cruz, nem de a meudo o borrifar com agua benta. Devia ter sido horrivel! O diabo dava urros espantosos, e não pedia perdão, porque a soberba, que o excluira da communhão dos anjos, lhe não permittia agora a christã virtude da humildade. As chronicas, não poucas vezes omissas em pontos graves, não dizem quanto tempo durou a surra que Frei Bernardo descarregou na ossada quasi nua do diabo; mas, se considerarmos que nove annos andára Belzebuth, em figura de bode, a apagar as luzes do convento, crêmos que devia ter pago caro o maleficio e a transfiguração mesmo applicando-se-lhe a legislação de codigos menos benevolos que os do fim do seculo XIV, em que viveram os protogonistas d'esta piedosa e veridica lenda.

Não contente ainda Frei Bernardo com a severa correcção que sem testemunhas applicára ao sacrilego, que irreverentemente enxovalhára os altares, e com a sua presença pusera o templo em interdicto, levou-o ainda arrastado pelos dormitorios fóra, com grande pasmo dos frades, que em chusma acudiam a ouvir-lhe os lamentosos brados, e sempre de rôjo o foi levando até ao mais alto de um eirado d'onde, sempre sem auxilio extranho, n'este ponto estão de accordo todas as narrativas, o precipitou em *um lugar immundo*, com applauso de todos os filhos de S. Domingos, e espanto de todo o bom povo e burguezia da catholica villa de Santarem, por onde desde logo se divulgou o caso, a que tempos depois foi dado o beneficio da estampa, e nós agora reproduzimos, para que os impios, que não acreditam no diabo, vejam como elle as arma, e tambem como elle as paga, se acerta de topar com um christão de fé viva, como Frei Bernardo, auxiliado por um pulso avesado a domar bestas feras, bem mais temiveis do que um inoffensivo bode, disfarce tradiccional do inimigo das alminhas de Deus.

VIII

D'aqui por deante, como de rasão, crescem e avultam os milagres de Frei Bernardo de Santarem. Afóra o dom de curar enfermos sem drogas de botica, valendo-se só das orações; affirmam livros sérios, que dava vista aos cegos, sarava os paralyticos, e até, saindo da medicina espiritual, ressuscitava mortos; mas sempre humilde, e sem fazer alarde de tão boas manhas. Dos seus grandes milagres, o que mais ficou em memoria foi o seguinte. Um dia as justiças de Santarem mandaram enforcar um homem, e, para exemplo, deixaram-n'o pendurado do patibulo. Até aqui não ha que extranhar. Eram esses os costumes do tempo. Ao outro dia, passava um magote de populares pelo logar onde ainda estava o corpo do suppliciado da vespera, quando este começou a bradar rijo pelos transeuntes, e a cada qual pelo seu nome, pedindo por misericordia, que d'aquellas alturas o baixassem, porque estava vivo! Tanto foi o pedir como vêr-se em terra firme. Elle proprio depois contava como o caso se passára. Quem o confessára, *in extremis*, fôra Frei Bernardo, por quem a mãe do justiçado tinha uma devoção, como mesmo não é dado ter por quem ainda anda cá por este valle de lagrimas.

A mulhersinha, como mãe que era, se havia escolher para seu intermediario e patrono um santo já cannonisado, apegou-se com Frei Bernardo, que ainda de Roma não fôra reconhecido como bemaventurado, e deu-lhe a ganhar a causa, que no seu entender andava perdida. O frade, que era a modestia em pessoa, não disse á pobre mãe quaes eram as suas intenções. Calou-se muito bem calado, orou, penitenciou-se toda a santissima noite, e o resultado foi restituir á vida o homem que por vinte e quatro horas estivera morto, e pendurado do patibulo!

Á vista d'este milagre, dos mais graduados de que temos noticia, e que corre impresso em livros de muita piedade e grande lição, a aspera correcção que Frei Bernardo applicou ao diabo, antes de o precipitar no *lugar immundo*, de que resa a chronica, não passou de um simples exercicio preparatorio de santidade, de que Deus me livre a mim, e pela sua infinita misericordia resalve tambem as costellas do proximo.

Amen.

L. A. Palmeirim.

RESENHA NOTICIOSA

A Banda de S Thomé. Na sala grande das festas, no palacio da Exposição de Anvers, deu a banda do corpo de policia de S Thomé, um concerto de despedida, em beneficio das creches de *Maria Henriqueta* e *Bethlem*, executando um bello programma em que figuraram trechos de grandes operas, como o *Roberto do Diabo* de Meyerbeer. A banda foi muito applaudida e nós muito mais nos applaudimos, porque este facto é todo em favor da civilisação da Africa portugueza.

O ex-presidente Ulysses Grant. Falleceu nos Estados-Unidos, depois de uma demorada e dolorosa doença, o ex-presidente da Republica, Ulysses Grant. A paginas 173 do 1 volume do Occidente publicámos o seu retrato, por occasião da viagem que elle fez a Portugal em 1878, demorando-se alguns dias em Lisboa. O bravo general feito na guerra dos dois estados, pela sua grande tactica militar e inexcedivel coragem, foi eleito presidente da Republica em 1868, tornando a ser re-eleito nas eleições seguintes. Era grande a popularidade de Grant no seu paiz que muito o respeitava e lhe queria, pelo seu valor nunca desmentido, e pelos magnificos governos que fez, quando presidiu aos destinos da Republica.

As mulheres principalmente faziam um alarido aterrador. A confusão e a algazarra era enorme.

Umas, sobraçando os filhos, levantavam as mãos em attitudes supplicantes, outras soltavam pragas medonhas e faziam arremeços de raiva e todas se lastimavam ao mesmo tempo, sem achar conforto á sua dor, nem se atreverem a abandonar aquelle covil que lhes servia de asylo e se lhes devia em breve transformar em vala commum.

De repente, porém, ouviu-se uma voz que dizia:

— Vejam, vejam, toda a polvora inutilisada!

E de todos os pontos da caverna corriam ao encontro d'essa voz terrivel.

Era o homem do fato de pelles, que acabava de verificar por seus proprios olhos a verdade d'essa noticia horrivel que lhe fôra dada por um dos seus satelites e que ainda lhe parecia inacreditavel, como se á sua razão selvagem repugnasse o acceitar a possibilidade de tantas desgraças a um tempo.

Mas era um facto. A polvora estava inteiramente encharcada!

Um grito de desespero saiu dos labios de todos aquelles homens.

— Traição! exclamaram elles de murro cerrado e expressão ameaçadora e desesperada.

— Traição, traição! Mas onde está o traidor?!

Dizendo isto, o homem do fato de pelles espalhou em redor de si o seu olhar feroz, em que havia chispas de fogo.

— Aonde, aonde está elle, repetia como um trovão, de uma maneira tempestuosa.

Ninguem se atrevia a affrontar aquelle temporal desfeito, aventurando sequer uma palavra.

Fez-se em toda a caverna um silencio sepulchral, que tinha o quer que era de solemne e de funebre a um tempo.

— Olá, escutem bem o que vou dizer-lhes, proseguiu depois de um breve movimento de pausa o homem do fato de pelles. Não tenho medo que nenhum dos que estão aqui se atrevesse a atraiçoar-me.

Estas palavras foram como um allivio, como quem tira uma forte carga dos hombros e desafoga satisfeito.

— Todos vocês iriam jurar quem deitou agua na polvora.

Uma voz respondeu a medo:

— Não podia ser outro senão o velhaco *Frade*.

— O *Frade*, dizes bem, applaudiu com um ligeiro meneio de cabeça o homem do fato de pelles.

Mas ao ouvir tal, a cigana solta uma exclamação de desespero!

Todas as attenções se dirigiram para esse lado.

— Ondina, Ondina! clamaram em côro.

Então levantou-se uma voz que disse:

— Foi ella quem nos trahiu, ella!

— Mata, mata! responderam muitos a um tempo.

E precipitaram-se sobre ella, armados de facas e punhaes n'uma furia infernal, indescriptivel e indomavel.

Sobraçando a cigana, que não dava accordo de si.

Depois, afastando com um forte gesto imperioso aquelle bando de scelerados que o rodeava, o homem do fato de pelles bradou impetuoso, de fronte erguida:

— Essa mulher pertence-me. Percebem?! É minha e só eu tenho direito de lhe pedir contas dos seus actos.

Mal havia, porém, acabado de proferir estas palavras, ouviu-se ao longe, na direcção da serra, a detonação prolongada de uma forte descarga de fuzilaria.

Ninguem soltou um grito, uma phrase sequer!

Todos se encararam mudos como estatuas, tomados irmâmente da mortal agonia do desespero.

Era afinal chegada a hora tremenda de que se arreceiavam.

— Meus amigos, disse o homem do fato de pelles, com a voz abafada pela dôr acerba e terrivel do desespero, que lhe pungia na alma de gelo. Meus amigos, repetiu.

Era a primeira vez que elle se lhes dirigia n'estes termos.

Quando o perigo é commum, todas as superioridades desapparecem, por mais vaidosas e arrogantes que ellas sejam.

— Vamos receber na ponta das nossas facas aquelles senhores que se nos annunciam pela bocca das suas espingardas.

E no mesmo instante todos o seguiram, encaminhando-se para a entrada principal da caverna, uma especie de garganta cavada na rocha e eriçada de penhascos ponteagudos que lhe defendiam a entrada.

Era como a guella de um monstro escancarada sobre o abysmo.

(Continúa)

Leite Bastos

A França e Marrocos. Todos sabem que chegou a França e já d'alli sahiu uma embaixada do imperador de Marrocos. Falou-se que ia alli tratar d'umas certas duvidas sobre certo trato da fronteira marroquina e argelina. Alguns periodicos dizem que se celebrou uma convenção secreta, cujos principaes pontos se assegura serem os seguintes: — rectificação do curso do rio Maluia; conclusão do famoso negocio do oasis; garantia ao sherif da protecção da França contra a intervenção de uma potencia estrangeira (!); segurança para a França do livre trafico por terra, e bem assim concessão do direito eventual de introduzir no porto de Laffi, uma guarnição franceza, *caso o sheriff a peça*. Bem diziamos nós desde 1882, e o temos repetido centenares de vezes — *não percamos de vista Marrocos*. A nossa politica esterna foi e devia ser sempre a que segue agora a França e a Hespanha com relação áquelle imperio; os nossos estadistas porém mal chegam a vêr a Outra Banda.

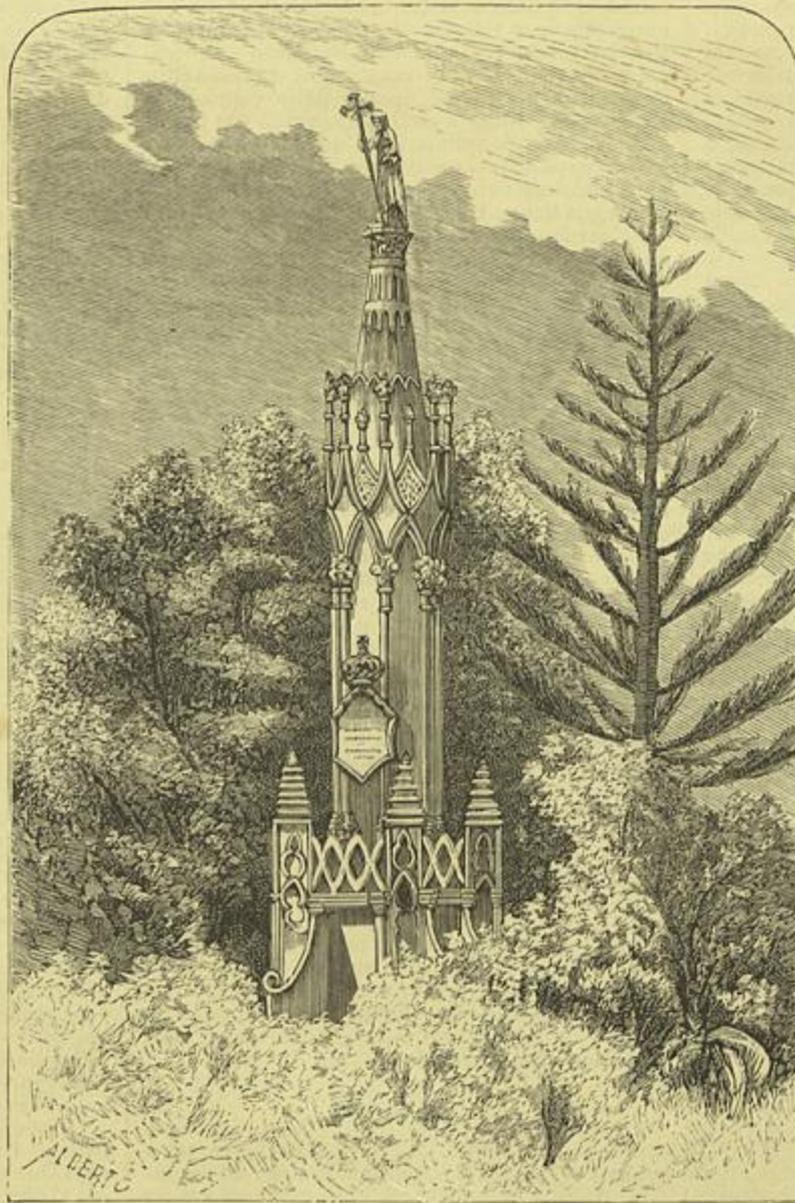
Elevador. Está muito adeantada a construcção do da Calçada da Gloria, cujo machinismo tem melhoramentos sobre o da Calçada do Lavra. Esperamos em breve vel-o funccionar para commodidade do publico, e util recompensa da empreza que se abalançou a este commettimento.

Furacão. Foi espantoso o que no dia 5 do corrente cahiu sobre uma parte dos Estados-Unidos, especialmente sobre a cidade de Philadelphia onde causou perdas enormes. Desgraças pessoaes, segundo os primeiros telegrammas, contam-se a morte de cinco pessoas e o ferimento de mais de cem.

Trovoadas. Tem continuado a rondar pelo nosso paiz, e ainda ha poucos dias cahiu uma faisca electrica na egreja de S. Lazaro de Braga, que felizmente não causou prejuizos. Outro tanto se não póde dizer da chuva e granizo, de tamanho consideravel que por essa occasião cahiu, e que deixou estragos nas terras cultivadas. Esta tempestade desencadeou-se na tarde de 25 de julho ultimo.

Monumento da Fé, na Quinta do Duque de Saldanha, em Cintra
(Desenho do natural por C. Alberto)

Fallecimento. Finou-se no dia 6 do corrente o sr. Domingos José Ennes, official do ministerio da justiça. Desde a mais tenra mocidade conheciamos este homem de talento e instrucção, e desde as aulas da escola polytechnica, em cujos bancos nos sentamos juntos conservavamos a mais estreita e cordial amizade. Com quanto desde então o soubessemos pouco robusto e mais ou menos soffrente, estavamos bem longe de suppor, quando ainda ha não muito tempo o viramos, que a morte lhe havia de cerrar tão cedo os olhos. Entre alguns trabalhos litterarios importantes, dedicava-se ha annos a um de primeira ordem qual era a traducção da *Divina Comedia* do Dante, de que já se haviam dado alguns excerptos em um ou dois jornaes, que foram muito apreciados e fizeram almejar o todo. Não logramos vêr o seu manuscripto que nos tinha promettido communicar, para lhe darmos o nosso parecer, mas julgamos que a obra ficou muito adeantada, senão completa. Lastimamos este desastre litterario, e o desapparecimento de um amigo. O finado era irmão do illustre facultativo militar Guilherme Ennes, e da esposa do sr. contra-almirante Pereira da Silva, e primo do distincto escriptor sr. Antonio Ennes.

Outro. Falleceu no dia 3 do corrente na residencia parochial de Cacia, o reverendo Francisco Luiz de Seabra, parocho d'aquella freguezia, filho primogenito do notavel jurisconsulto e escriptor sr. visconde de Seabra, e irmão do sr. Alvaro Ernesto de Seabra, auditor na 1.ª divisão militar. Fôra o finado estudante distincto e era bacharel em direito. Havia mais de 30 annos que exercia os deveres parochiaes no extincto bispado d'Aveiro, nas freguezias de Alquerubim e Cacia, aliás bons beneficios. Ha talvez 15 annos, que, soffrendo parece que de rheumatismo, que o impossibilitava muitas vezes de sahir de casa, se entretinha a traduzir obras importantes todas uteis á classe ecclesiastica, e editadas em geral pela casa do fallecido Ernesto Chardron. Conhecemos muito de perto o illustre finado; com elle mantivemos cordiaes relações, só interrompidas pelo afastamento. O finado tinha proximamente sessenta annos de edade.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa... *Lisboa, Imprensa Nacional, 1885.* Publicou-se o n.º 12 da 4.ª série. Contém um interessante trabalho do sr. Adolpho Coelho: *Os jogos e as rimas infantis de Portugal*, interessantissima collecção tradiccional, que felizmente se registrou ainda a tempo de se não perder, como se devem ter perdido muitas tradicções, assoberbadas pelo espirito desdenhoso da *moderna civilisação*, que não comprehende o verdadeiro valor historico, psychologico e ethnologico de todos os elementos tradiccionaes dos povos. Felizmente já hoje ha colligidos por trabalhadores conscienciosos, grande numero d'elles em todos os generos, o que trará de certo muita luz para a resolução de importantes problemas historicos. — Com este fasciculo concluiu a 4.ª série d'este boletim.

Tratado das Alfandegas em Portugal, *consideradas á luz da historia, do direito, da economia politica e da estatistica*, por Francisco de Lencastre. Parte primeira — *historia*. Lisboa, Imprensa Nacional, 1885. Está publicado o primeiro fasciculo d'esta obra, constando de 64 paginas in-4.º Segundo o plano de que o auctor nos dá conhecimento, a obra constará de quatro partes: a primeira — *historia* — abrangerá a synthese dos factos principaes relativos ao estabelecimento das alfandegas em Portugal; na segunda se expõem methodicamente a *legislação* em vigor, relativa aos serviços alfandegarios e fiscaes; na terceira — *economia politica* — se fará o estudo das regras geraes relativas á creação dos impostos que se cobram nas alfandegas, á sua incidencia, e á sua constituição economica no nosso paiz; na quarta — *estatistica* — dá-se noticia dos dados mais interessantes que se podem colher, de 1874 para cá, nas publicações officiaes, relativos ao movimento mercantil do continente do reino e ilhas adjacentes com as nações estrangeiras, e com as nossas provincias ultramarinas. Como se vê o plano é não só largo, mas bem distribuido. Pelo primeiro fasciculo se vê que o auctor começa a desempenhar-se felizmente do encargo que tomou, pois começa o seu estudo desde o principio da monarchia analysando os documentos publicados e tirando subsidios de longas e pacientes investigações sobre documentos ineditos, e de todo ou quasi desconhecidos. Affeitos ha muito tempo a esta ordem de trabalhos, conhecedores por experiencia propria das enfadonhas fadigas que se passam nos nossos archivos, para que o estado não olha, não quer ou não sabe olhar, afim de se averiguar qualquer ponto de historia, damos os emboras ao auctor pelo seu trabalho, que apesar de ser synthese, tem muito de analyse, esperando que o leve a cabo, ficando para mais tarde analysar mais detidamente a obra, quando pelo menos a sua primeira parte estiver completa.

Archivo dos Açores, *publicação periodica destinada á vulgarisação dos elementos indispensaveis para todos os ramos da historia açoriana*... Ponta Delgada — Ilha de S. Miguel, Typ. do *Archivo dos Açores*, 1885. Fasciculos 35.º e 36.º, ultimos do volume VI d'este importante repositorio. Temos seguido com bastante interesse, desde seu principio, esta interessante publicação, onde estão registados grande numero de documentos, até então inteiramente desconhecidos, ou pouco conhecidos, e que tem prestado subsidios valiosos a todos aquelles, que dentro e fóra do paiz se teem occupado da nossa historia, nomeadamente no ramo dos descobrimentos, bem que no ramo economico, ecclesiastico, militar, etc., tambem os forneça importantes. Além das secções já anteriormente nos ultimos dois volumes encetadas e de que temos feito menção, encerra este volume outras, como a que se refere ao periodo historico depois da creação da capitania geral, e aquella que trata do movimento liberal de 1828 a 1834. Tanto em uma como em outra ha muitos documentos ineditos ou reproduzidos de publicações raras e portanto de difficil consulta para os estudiosos. Os seis volumes d'este *Archivo*, já publicados, não só são garantia da sua continuação; mas de que ella seguirá sempre sob o mesmo plano largo e vasto que lhe traçou o seu benemerito collector e director, o Sr. Dr. Ernesto do Canto, que infelizmente não tem encontrado imitadores nas outras terras do paiz.

A Moda, publicação trimensal com figurinos em phototypia, offerecida aos consumidores e revendedores da chapellaria a vapor dos srs. Costa Braga & Filhos, Porto. É o n.º 11 do IV anno com figurinos de chapeus proprios para a estação de verão. A *Moda* é uma publicação que honra tanto os seus auctores como a industria nacional, pois que é uma manifestação eloquente de um dos mais importantes estabelecimentos fabris de Portugal, qual é a fabrica a vapor, de chapeus dos srs. Costa Braga & Filhos, no Porto.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.